

---

*“Só ensina coisas úteis/proporciona alegria”:  
apontamentos sobre a materialidade da  
revista infantil Cacique, de 1954 a 1959<sup>#</sup>*

*‘It just teaches useful things/gives happiness’: notes about materiality  
in children’s magazine Cacique 1954-1959*

Rosa Maria Hessel Silveira<sup>\*</sup>  
Maria Angélica Zubaran<sup>\*\*</sup>  
Maria Helena Hessel<sup>\*\*\*</sup>

---

**Resumo:** O objetivo central do estudo é de explorar a materialidade da revista infantil gaúcha *Cacique* em sua 1ª fase, de 1954-1959, com 106 números, editada pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul. Parte-se de considerações sobre o gênero ‘revista’ e revista infantil, em sua conexão com a História da Educação, para situar a revista no panorama da imprensa brasileira. A análise detalhada da equipe editorial e do conjunto de autores/ilustradores mostra a presença tanto de autores consagrados no campo da literatura como profissionais dedicados especificamente à revista, com uma

**Abstract:** This study aims to explore materiality in the Gaucho children’s magazine *Cacique* in its first 106-issue phase (1954-59) published by the Rio Grande do Sul Department for Education and Culture. We draw on considerations about magazine and children’s magazine, in connection with the history of education to locate the magazine in the panorama of Brazilian press. The detailed analysis of the editorial staff and the whole of authors/illustrators shows presence of both renowned literature writers and professionals dedicated to the magazine, with a significant presence of female workers. As to the very varied sessions,

---

<sup>#</sup> O presente trabalho se insere na pesquisa “A revista *Cacique* e a infância gaúcha dos anos 50 – textos e leituras (fase I)”, em realização no Núcleo de Estudos sobre Currículo, Cultura e Sociedade (NECCSO), grupo de pesquisa sediado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É apoiado, através de bolsa de Iniciação Científica, pela FAPERGS (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul).

<sup>\*</sup> Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. *E-mail:* [rosamhs@gmail.com](mailto:rosamhs@gmail.com)

<sup>\*\*</sup> Programa de Pós-Graduação em Educação da ULBRA. *E-mail:* [angeliczubaran@yahoo.com.br](mailto:angeliczubaran@yahoo.com.br)

<sup>\*\*\*</sup> Fundação Paleontológica Phoenix. *E-mail:* [mhhessel@gmail.com](mailto:mhhessel@gmail.com)

presença expressiva do gênero feminino. Em relação às seções, muito variadas, encontra-se paralelo com outras revistas infantis que a precederam ou foram contemporâneas, correspondendo às mesmas tanto o cumprimento de ideais educativos para a infância, quanto o intuito de ser um canal de entretenimento e recreação. Observe-se que a presença de algumas seções e textos – valorizando elementos regionais – marcava o pertencimento da revista *Cacique* ao Estado do Rio Grande do Sul.

**Palavras-chave:** Revistas infantis. Revista *Cacique*. Imprensa pedagógica. Anos 1950.

we find a parallel with other previous or contemporary children's magazines, in tune with them both concerning education targets for childhood and the objective of being a conduit for entertainment and recreation. Note that the presence of some sessions and texts appraising regional elements have marked the magazine's belonging to the State of Rio Grande do Sul.

**Keywords:** Children's magazines. Magazine *Cacique*. Pedagogic press. The 1950s.

---

*Está acesa a velinha,  
para "Cacique" apagar.  
Seu primeiro aniversário  
vamos todos festejar.*

*Revistinha tão pequena,  
com tanta sabedoria,  
só ensina coisas úteis,  
proporciona alegria.*

(Revista *Cacique*, n. 13, abril 1955, p.1)

As singelas quadras que servem de epígrafe ao presente artigo buscam introduzir o leitor e a leitora no horizonte de representações que dava forma à revista infantil *Cacique*, objeto do estudo que empreendemos. A revista em questão se destacou, no Estado do Rio Grande do Sul, em cuja capital – Porto Alegre – foi publicada, na década de 1950, permanecendo até hoje na memória de seus leitores. Não se tratava de um empreendimento editorial da iniciativa privada, pois foi idealizada e publicada pela Secretaria de Estado da Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, filiando-se à tradição de periódicos destinados a entreter e formar futuros cidadãos. Seu primeiro número foi editado em abril de 1954 e sua produção foi ininterrupta até dezembro de 1959, no que se considera sua primeira e mais produtiva fase.

No presente trabalho, partimos de considerações sobre o gênero “revista”, incluindo o segmento das revistas infantis, para buscar situar a revista *Cacique* no panorama da imprensa brasileira, passando, a seguir, a uma apresentação de alguns dados correspondentes à sua publicação. Tais seções servem de pano de fundo para atender ao objetivo central do estudo, que é o de explorar a materialidade da revista em sua 1ª fase, composta por 106 números, com especial e detalhada atenção às seções constantes na revista, em suas regularidades, intermitências e descontinuidades, interpretando-as em suas conexões com o momento histórico da imprensa para crianças, seus traços culturais e pedagógicos.

### O gênero revista e as revistas infantis

Conforme Martins (2011, p. 63), o gênero periódico *revista* colocou-se ao lado do jornal, como suporte expressivo da palavra, no processo histórico da imprensa brasileira. A introdução do gênero se deu nos tempos do Império e ele adquiriu grande sucesso durante a República. Segundo a autora, “o caráter de leitura ligeira e amena, acrescido do recurso da ilustração, adequavam-se ao consumo de uma população sem tradição de leitura, permitindo a assimilação imediata da mensagem”. No quadro da imprensa do Império, particularmente no Segundo Império, sobressaíram-se as revistas ilustradas de caricaturas que, se valendo do humor, lograram “enorme sucesso nas terras de fracas letras, população escrava e incipiente mercado” (p. 64). De acordo com Knauss *et al.* (2011), no ambiente da imprensa do Segundo Reinado, destacaram-se as revistas ilustradas que, “ao lado dos jornais diários, foram ganhando, ao longo dos anos, lugar de destaque como veículo de ideias e espaço de expressão da imaginação social” (p.11). Segundo os autores, “sua novidade mais importante foi afirmar o papel da imagem na construção da narrativa jornalística”. O marco do periodismo ilustrado humorístico foi a *Semana Ilustrada*, fundada em 1860, por Henrique Fleiuss, desenhista e litógrafo alemão, radicado na cidade do Rio de Janeiro. Segundo Knauss *et al.*, também se firmou neste ambiente a *Revista Ilustrada* (1876-1898), de Ângelo Agostini, italiano, que se consagrou como autor de ilustrações, em sociedade com Paul Théodore Robin, proprietário de uma oficina gráfica. Os autores destacam que as experiências da imprensa ilustrada do século XIX foram apropriadas no século XX pela imprensa em geral, que passou a combinar texto escrito com imagens, como será o caso da revista *Cacique*, na década de 1950.

Com o advento da República no Brasil, configuraram-se múltiplos processos de inovação tecnológica da imprensa. Para Cohen (2011, p. 104), “o crescimento e a diversificação do mercado editorial assentou-se no tripé da florescente economia urbano-industrial, em combinação com a modernização técnica e a ampliação do mercado leitor”. Essa conjuntura fez com que o número de leitores se ampliasse, apesar do alto índice de analfabetismo no Brasil nas primeiras décadas do século XX. Segundo Cohen, essa ampliação e modernização do setor traduziram-se também na diferenciação entre jornais e revistas. Às revistas reservou-se a oferta de lazer, tendo em vista os diversos interesses de diferentes segmentos sociais. Ainda segundo essa autora, a imprensa periódica tinha como padrão as revistas europeias e “os editores utilizavam os recursos então disponíveis: cores, belos figurinos, charges e temas amenos. Neste sentido, a imprensa periódica destacou-se como um campo privilegiado de configuração da sociedade capitalista, que divulgava entre os leitores as “infinitas possibilidades de consumo no mundo moderno” (p.107).

Por outro lado, como destaca Martins (2001), em seu estudo sobre semanários e mensários que circularam pela cidade de São Paulo, entre 1890-1922, as revistas pedagógicas e infantis apresentavam uma proposta formadora, como veículos de valores, comportamentos e hábitos e de propostas de educação moral, cívica e por vezes religiosa. Daí, a crescente importância de pesquisas sobre o impresso *revista*, no campo educacional.

De Luca (2008) destaca que, nos “tempos eufóricos” de incremento dos periódicos de variedade no início do século XX, o marco inicial foi a *Revista da Semana* (Rio de Janeiro, 1900), lançada por Álvaro Teffé, Raul Pederneiras e Medeiros e Albuquerque, “que reservava amplo espaço para as imagens e conteúdo diversificado”, justificando o termo ‘variedades’. Seguiram-se várias outras: *Ilustração Brasileira* (Paris, 1901), *O Malho* (RJ, 1902), *A Avenida* (RJ, 1903), *Kosmos* (RJ, 1904), *Renascença* (1904), *Fon-Fon* (RJ, 1907), *Careta* (RJ, 1908), *O Pirralho* (SP, 1911), *A Cigarra* (SP, 1914), *Dom Quixote* (RJ, 1917) entre outras. Segundo De Luca (2008), o termo *variedade* dava conta de uma gama extremamente diversa de conteúdos, que tentava atingir um segmento relativamente pequeno do mercado, porém formado por um público diversificado: “Eram revistas de variedades, mas ao mesmo tempo femininas, masculinas, infantis, esportivas, pedagógicas e educacionais, humorísticas, dedicadas ao rádio, teatro e cinema, étnicas, religiosas, científicas, literárias, voltadas para os interesses do comércio, lavoura ou indústria, sem esquecer o mundo do

trabalho [...]” (p.122). A autora destaca, ainda, que uma renovação significativa ocorreria somente com a revista *O Cruzeiro* (1928), “quando a fotografia e a reportagem ganharam novos sentidos e asseguraram à revista a liderança no mercado nacional”. Para De Luca, semanários como *Manchete* (1952) e *Fatos e Fotos* (1961) “não romperam com o padrão herdado de décadas anteriores, efetivamente alterado mais tarde pelas revistas semanais de informação, como *Veja* (1968)” (p.121).

Martins (2001), ao sistematizar suas análises sobre as revistas brasileiras, classificou-as segundo a nomenclatura então utilizada: revistas de agricultura ou agrônômicas, revistas pedagógicas, de saber científico, revistas institucionais, esportivas, religiosas, femininas e infantis. No âmbito deste trabalho, interessa-nos destacar o segmento das chamadas revistas infantis.

De acordo com Martins (2001), por bom tempo os temas enquadrados sob a rubrica “infantil” limitaram-se a histórias traduzidas de autores estrangeiros, sobre fadas, reis e rainhas, na sua maioria contos e, até por volta de 1904, não se identificava uma imagem de criança leitora. Contudo, com os investimentos do regime republicano em escolas e na educação básica, acompanhados do aumento nas matrículas de alunos(as) no Ensino Primário, “vislumbrou-se na criança a garantia do consumidor efetivo” (p. 407). Dentro desta tipologia, a autora, corroborando informações também constantes em Arroyo (1988, p.140) destaca inicialmente a revista *O Pequeno Polegar*, revista bimensal ilustrada para meninos, de 1904, com oito páginas, direção de Benedito Silva, redação de Amadeu Amaral, mais conhecido como poeta e estudioso de folclore, e ilustração de Alfredo Norfini, professor no Liceu de Artes e Ofícios, editada pela Livraria Magalhães. Nesta vertente, Martins (2001) aponta uma inovação em 1905: o aparecimento da revista *O Tico-Tico* no Rio de Janeiro, criação de Ângelo Agostini, em que se destacavam os personagens *Reco-Reco*, *Bolão* e *Azeitona*. Segundo a autora, “com nova proposta gráfica, em quadrinhos e colorida, a revistinha alastrou-se pelo país.” Sem dúvida, *O Tico-Tico*, que foi publicada de 1905 a 1960, constituiu-se na mais longeva e importante revista infantil brasileira (VERGUEIRO; SANTOS, 2008, p. 1), tendo ensejado a realização de vários estudos sob diversos enfoques. Coincidindo sua existência com a fase final de *O Tico-Tico*, merece destaque a revista *Sesinho*, publicada no Rio de Janeiro entre 1947 e 1960, patrocinada pelo Sesi (Serviço Social da Indústria) e dirigida por Vicente Guimarães, que teve, em sua fase final, uma tiragem de 100 mil exemplares (BRITES, 2004).

Martins (2001) também cita outras revistas para crianças, do início do século XX: *A Mocidade* (1905), *Cricri* (1905), *Nenê*, *Jornal da infância* (1906), com direção e redação de João Augusto Pereira Júnior e o ilustrador Capuzzi, “com historietas e ilustrações coloridas, jogos de passatempo, e concursos literários”, *Pica-Pau* (1908), quinzenário infantil com ilustrações de Voltolino e tiragem de 15 mil exemplares. A autora sublinha ainda que “ao fim e ao cabo, a conquista do público infantil foi o elo conclusivo dessa cooptação de mercados para o impresso periódico” (p. 274) e sugere que, nessa segmentação do periodismo, emergiu a produção de nomes ligados ao universo das Letras, homens, em sua maioria. Neste sentido, a autora sugere que o produto “revista” possa ser estudado de forma a revelar “não só os medalhões de uma geração”, mas igualmente figuras anônimas, talentos esquecidos por uma teia de adversidades típicas daquela conjuntura da República das Letras” (p. 274). Vale, neste sentido, referirmos alguns estudos realizados sobre jornais e revistas, no campo da história da educação, de forma a articularmos este estudo da revista *Cacique*, com o referido campo.

## O impresso *Revista* e a história da educação

Conforme já foi assinalado por outros autores, o uso de jornais e revistas, no campo da pesquisa educacional, ocorreu atrelado à transformação da própria historiografia. De acordo com Mazini (2012, p. 3), as pesquisas sobre a imprensa, enquanto fonte de investigação, ganharam amplitude, particularmente, nas análises produzidas sob o viés teórico da História Cultural. Portanto, é a partir de novas abordagens teóricas que, na década de 1990, surgem trabalhos acadêmicos tendo como fontes principais diários, cartas, periódicos e jornais. Neste sentido, Patroclo (2013) sublinha que a imprensa deixou de ser percebida como uma fonte complementar e passou a ser empregada como um documento principal, cuja criação estava vinculada ao propósito de levar a essa parcela da população valores cívicos e patrióticos que estavam em voga no início de século XX. Nesse trabalho, a autora elabora um mapeamento dos estudos que analisaram impressos na educação, destacando as obras de Antonio Nóvoa (1993), Denice Catani (2002), Patrícia Hansen (2008), Ana Lucia Fernandes (2008), Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi e Libânia Nacif Xavier (2008), Maurilane de Souza Biccas (2008) e Márcia Cabral da Silva (2010).

Neste estudo, realizamos um levantamento preliminar de estudos sobre revistas infantis brasileiras, destacando seis trabalhos sobre a revista *O Tico-Tico* (ROSA, 2002; VERGUEIRO; SANTOS, 2005,2008; HANSEN, 2008; CARDOSO, 2009; ALMEIDA; COSTA, 2015), dois sobre a revista *Sesinho* (BRITES, 2004; DEMÉTRIO; ROYER, 2013) e seis (um artigo em jornal, quatro artigos/trabalho em congresso e uma dissertação) sobre a revista *Cacique* (CAMPUOCO, 1981; BASTOS, 2006, 2016; SILVEIRA *et al.*, 2010; LUZ; RIOS, 2015; SILVEIRA; HESSEL, 2018). É importante registrar que uma prestigiada obra no panorama da história da literatura infantil no Brasil – o compêndio *Literatura infantil brasileira*, de Leonardo Arroyo, com a 1ª edição datada de 1968 – dedica um capítulo específico (o V) à ‘Imprensa escolar e infantil’, abrangendo os primeiros jornais para crianças, os suplementos infantis em jornais (ainda no século XIX), os chamados jornais escolares, até chegar às revistas infantis. Ao dividir o capítulo por alguns estados brasileiros, Arroyo (1988, p. 146) dedica uma pequena seção ao Rio Grande do Sul, afirmando que “sobre a imprensa escolar e infantil de Porto Alegre quase nada conseguimos apurar” e lamenta a perda de algumas fontes. Tal ausência de referência à revista *Cacique* (que há menos de dez anos, na época, deixara de circular) pode sinalizar um reduzido alcance de seu reconhecimento no plano nacional, não obstante as referências encontradas em muitas de suas edições citando, entre os assinantes, crianças de variados estados brasileiros.

### **A revista *Cacique* em sua materialidade**

O presente estudo privilegia a materialidade da revista *Cacique*, no período de abril de 1954 a dezembro de 1959, primeira fase da revista, a qual, após um intervalo de quase dois anos, em setembro de 1961, reiniciou em novo formato, encerrando-se em janeiro de 1963 (CAMPUOCO, 1981, p.10). Tal interesse corresponde a reflexões de De Luca (2008, p.132), que, em seu estudo sobre a história dos e por meio dos periódicos, salienta a importância de estarmos atentos para a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada têm de natural, através da pesquisa da composição da revista, seções, ilustração e publicidade.

Assim, observa-se que a revista, publicada pela Secretaria da Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, conforme registros em sua 2ª capa, foi, do nº1 ao 82, impressa pela Livraria Globo, editora gaúcha de inegável importância no panorama brasileiro da edição livreira, a partir dos anos 20/30 do século passado, constituindo-se em uma autêntica

‘editora de âmbito nacional’ (HALLEWELL, 1985, p. 316). Já do n. 83 ao 106 (último número desta fase), foi impressa nas oficinas da Gráfica Minerva, Porto Alegre. Inicialmente sua periodicidade era mensal, mas, em dezembro de 1956 (n. 33), passou a ser quinzenal, o que leva a uma totalização de 106 números, de abril de 1954 a dezembro de 1959, de publicação ininterrupta por mais de cinco anos e meio. Ainda que tenha havido alternância de desenhistas da capa, nunca mudou seu formato (que é tamanho A5), o *design* básico nem o *layout* do título e, na maioria das edições, mas não em sua totalidade, tinha 32 páginas (por vezes, 28 páginas). É interessante pontuar a quase concomitância entre o surgimento da revista *Cacique* e o nascimento da Feira do Livro de Porto Alegre, em 16 de novembro de 1955, conforme informa Torresini (2000, p. 251), eventos que podem ser aproximados pelo acréscimo de interesse pela educação e pela cultura impressa.

A permanência de alguns aspectos da revista pode ser articulada a algumas peculiaridades da equipe editorial que produziu a revista na sua primeira fase. Assim, observa-se que a equipe foi dirigida pela professora Maria da Glória Albuquerque, durante todas as edições desta fase da revista, secretariada sucessivamente por Maria Irene Moraes dos Santos, Esther Faria da Silva (que posteriormente se tornou assistente de direção), João Alano e Lizaura Cauduro Dipp, e com a gerência administrativa, também sucessiva, de Ruy Pereira de Nonohay, o professor e compositor Protásio Moreira Knewitz, Julio Luzzi Russo e Paulo Augusto de Freitas Cabral (com o auxílio do contador Osmar Koetz); compunham a comissão editorial também desenhistas e redatores. Atuaram no planejamento da revista, sucessivamente, Bárbara M.M. Jaschke, as desenhistas Lourdes Terezinha Comparsi, Nancy Palmeiro Mariante, Maria Coelho Vieira e a professora, escritora e pianista Nelly Cunha.

A equipe de desenhistas foi, a partir do n. 14, supervisionada por Nancy Palmeiro Mariante, que iniciou a desenhar, juntamente com Lourdes Terezinha Comparsi, desde a primeira edição da revista e permaneceu até seu final. Outras desenhistas logo incluídas na equipe foram Vanetti Dani [Kiel], Maria Coelho Vieira e a Profa. Aliette Amaral e Silva [Bahima], formando um quinteto de mulheres desenhistas que assim permaneceu até a edição de n. 26, quando Luiz Francisco Lucena Borges veio juntar-se a elas. Posteriormente, mais seis desenhistas passaram a ser responsáveis pelas ilustrações da revista *Cacique*: a pintora Amélia Ricciardi, a professora Helga Joanna [Raabe] Trein, os desenhistas Flávio Luiz Teixeira e Renato [Vinicius]

Canini, Marlene A.S. Pizzato e Déa Pandolfo Ketzer, ainda que alguns já tenham iniciado suas contribuições em números anteriores. São encontradas eventualmente ilustrações de outros desenhistas e pintores, que atuavam como colaboradores bissextos ou convidados, como o pintor e ilustrador espanhol José Riera Sicart e o pintor e publicitário português José Borges Correia, contratados da Editora Globo.

Entre as redatoras da comissão editorial, todas mulheres, a partir do n. 5 encontramos sucessivamente Mila Grünwald, Carolina Carvalho, a Profa. Hilda Maria Pasquali, Clélia Silva Lisbôa, Joaninha Nahuys, a Profa. Nelly Cunha, a Profa. e escritora Ruth Ivoty Torres da Silva e Giselda Guimarães Gomes. Subsequentemente, Carolina, Rosalina Comparsi, Ruth e Nelly tornaram-se redatoras-chefe, e Clélia passou à revisora. Entretanto, houve outros colaboradores de textos ficcionais e informativos, muitos anônimos, mas também os que assinavam suas produções; neste caso temos o registro de 135 autores(as) nas 106 edições da revista *Cacique*.

Entre os autores que mais vezes compareceram, temos o caso do jornalista, poeta, economista e professor, Dirceu Antonio Chiesa (com 86 textos assinados), caracterizado como ‘um exímio contador de histórias’ (MOTTIN; CASOLINO, 1999, p.75) e da tradutora e professora, no Instituto de Letras e Artes da PUC-RS, Iris Strohschoen (com 78 textos). Outros conhecidos nomes do mundo cultural e educacional gaúcho também estão presentes nas páginas da revista, como o romancista Érico Veríssimo, que foi também conselheiro literário da Editora Globo e autor de várias obras infantis; o advogado, jornalista e escritor Antônio Guerra Acauan, que foi secretário da Editora Globo e publicou traduções de clássicos e obras autorais de fundo histórico para crianças; o historiador, poeta, folclorista, Prof. Walter Spalding, caracterizado por Villas-Bôas (1991, p. 235), como “poeta, professor, historiador, ensaísta, folclorista”, com copiosa produção bibliográfica, na qual comparecem alguns poucos livros infantis; o advogado e escritor Darcí Azambuja, conhecido nome da literatura sul-rio-grandense, autor de *No Galpão*, entre outros. É interessante registrar que a história infantil *Rosa Maria no castelo encantado*, de Érico Veríssimo, lançada inicialmente em 1935, foi reeditada em capítulos vinte anos após, nas edições de 1956 da *Cacique*. Para Marchi (2000), o período que vai de 1935 a 1959, que ela denomina de segunda fase da literatura infantil no Rio Grande do Sul, é o da fixação do gênero, com produção significativa no estado. Assim, constata-se, a partir de seu estudo (MARCHI,2000)

sobre a literatura infantil gaúcha, que vários dos autores colaboradores da revista *Cacique* se destacaram também na produção de livros para crianças.

Passamos, agora, a uma análise mais detalhada das seções que compuseram a revista em sua primeira fase, com informações a seguir sintetizadas no Quadro 1. Verifica-se que há diversas seções de textos ficcionais (Quadro 1), iniciadas com *A história da capa*, compreendendo 55 textos de cerca de 40 linhas (n. 2-53 e 55-57), os quais traziam uma narrativa relacionada com as imagens das capas, em geral escritos por Dirceu Antônio Chiesa (exceções: n. 30, de autoria de Antônio Acauan, e o n.º 41, que tem Francisco Mário como autor do texto). Tais histórias já foram, de diferentes pontos de vista, estudadas por Bastos (2006), Silveira e Hessel (2018). Estas últimas autoras afirmam que tais historietas eram revestidas de um caráter ficcional, permitindo

a identificação de imagens e representações prevalentes de infância, família, sociedade, na medida em que mobilizavam representações de gênero, etnia e valores, permeando as ações das personagens e operando para o seu desfecho. Na maioria dos casos, tratava-se de cenas familiares, ambientadas ou na família, ou no bairro ou na “natureza” [no sítio, na margem de rios, em colinas...], com um forte tom cordial e conciliador. Apresentam-se brincadeiras e afazeres tradicionais – andar a cavalo, pescar, brincadeiras, pequenas dificuldades... (2018).

Fábulas, que tradicionalmente foram destinadas a crianças – ainda que não originalmente – são apresentadas em quadrinhos e publicadas em uma única página, sempre com a “moral”, que caracteriza o gênero. As versões quadrinizadas aparecem em 27 edições (de abril de 1954 a dezembro de 1956), além da fábula adaptada de Esopo, *A pata dos ovos de ouro*, esta narrada em prosa (junho de 1958). Também há seis “Contos de Grimm”, traduzidos do original por B.J., que se encontram em sete edições (de setembro de 1954 a novembro de 1957); dois contos de Hans Christian Andersen: o *Concurso de saltos* adaptado por Aruad (dezembro de 1957) e *O Rouxinol* (dezembro de 1957 a janeiro de 1958); e a versão de Charles Perrault do conto *Cinderela* (junho de 1959). Além desses, há outros 50 contos/historietas (inclusive contos de fada), um ou dois por edição: 18 sem autoria declarada (n. 6-10, 13-15, 27-28, 32, 44, 69, 71, 79, 90, 93-94 e 99); quatro nos quais apenas o tradutor ou adaptador é mencionado

(n. 62, 67, 93 e 96) e 28 assinados, nos quais se destacam as contribuições de Iris Strohschoen, com seis contos (n. 36, 65-66, 98 e 104), de Ruth Ivoty Torres da Silva (n. 75-76, 86 e 89), Giselda Guimarães Gomes (n. 92, 97 e 102) e Nelly Cunha (n. 97, 103 e 105), cada uma delas com três contos.

Há histórias seriadas, apresentadas como folhetins, por capítulos em muitas edições, como *Vida e aventuras de Ana Luisa na Índia*, de Walter Spalding, em 24 capítulos (de março de 1956 a julho de 1957) e que foi o maior sucesso das histórias seriadas (CAMPUOCO, 1981, p.10); *O mágico de Oz*, uma adaptação do conhecido livro de Frank Baum, em 23 edições (de março de 1958 a fevereiro de 1959); *Rosa Maria no castelo encantado*, de Érico Veríssimo (publicado em livro originalmente em 1936 pela Editora Globo), em cinco edições (de julho a setembro de 1957); *Robinson Crusoe*, adaptação por Aruad do livro homônimo de Daniel Defoe, em 16 edições (de maio de 1958 a janeiro de 1959) e, finalmente, *20.000 léguas submarinas*, adaptação da obra de mesmo nome de Jules Verne, em sete edições (de setembro a dezembro de 1959).

**Quadro 1** – Distribuição de Seções da revista *Cacique* (1954-1959) com identificação de edições em que elas ocorreram. Nomes de seções mencionadas por seu título estão entre aspas; denominações de conjuntos de textos reunidos por gênero ou tema vêm sem aspas

Seção	Número das edições
A história da capa	2-53 e 55-57
Vida e aventuras de Ana Luisa na Índia	24-29 e 31-48
Rosa Maria no castelo encantado	48-52
O mágico de Oz	63-85
Robinson Crusoe	68-83
20.000 léguas submarinas	100-106
A história maravilhosa da música	69-81
Nosso Brasil	18-29, 31-33, 35-39, 41, 44 e 51
Monumentos da capital gaúcha	14-23
As ruas de Porto Alegre contam uma história	26-29, 31-41, 43-44, 50, 61-62, 64-71, 73-77, 81-83, 85-98 e 100-105
Página do escritor mirim	26, 31, 37, 42, 48, 53, 67 e 80
Povos e costumes	1-17
Concurso Grandes Vultos da Humanidade	1-12, 16-20, 24, 26-27, 32, 38, 43, 49, 57, 62 e 85
Valentim descobre o reino dos animais	12-17, 19-29, 32, 34, 36, 38, 40, 46, 48, 50, 52, 54, 56, 60 e 64
Arte e Ciência através dos séculos	7, 31, 39, 41, 43, 45-54, 57, 61-65, 69, 71, 74 e 99
Tu sabias que...	1-4, 6-9, 11-29, 31-32 e 34-106
Coisas que tu podes fazer	9-14, 16-19, 24, 32-34, 44, 47-49, 51, 55-56, 58-60, 62-62, 66, 68, 71-73, 75-76, 81, 83-85, 87-88, 90-91, 94-95 e 99-106
Coleção Esportiva Cacique	22-29, 31-33, 35-52, 54-57, 59, 68, 70, 72, 74, 76, 78, 80-81 e 87
Vamos colorir?	12, 34, 36, 39-41, 52, 54-55, 58-60, 65, 69-70, 74, 82-89, 92, 94-99, 101-102 e 104
Os doze signos do zodíaco	36, 38, 40, 42, 44, 46, 48, 50, 52, 54, 56 e 58

Ouvindo vovó Banmércio	73-81 e 83-90
Lendas	2, 8-9, 12-13, 17-19, 22-26, 31-33, 37, 49, 51, 53, 59, 74, 82-83, 85-101, 103 e 105-106
Origem de objetos do cotidiano	1, 4, 22, 26, 38, 59, 68, 73-74, 78, 84 e 87
Contos de Grimm/Andersen/Perrault	6-8, 10, 13-14, 56-60 e 94
Fábulas em quadrinhos	1-21, 23-25, 27-28 e 33
Histórias em quadrinhos	1-29, 31-69, 71, 76, 78, 80, 86-87 e 89-106
Poemas	1-5, 8-9, 13, 21-26, 29, 31-34, 36-37, 43-45, 49-50, 67, 70, 72-73, 76-77, 82-83, 85, 87, 91, 94-95 e 104-106
Partituras musicais	34, 43, 45, 49, 51-53, 55, 57, 61-64, 66-67, 70-71, 74-75, 80, 82-85, 87, 90-91, 94, 96, 99-100, 102 e 106
Biografias de personalidades	1-17, 19-24, 27, 29-30 35-36, 38, 40, 42, 49, 51, 53, 60, 67-68, 71-73, 76, 92, 96 e 102
Narrativas com temas gauchescos	2-23, 25-26, 28, 31-33, 35-36, 42, 46, 53, 55-60, 62, 77-78, 82, 85-86, 90-91, 98-102 e 104
Narrativas com temas indígenas	1-2, 25, 29, 31-33, 35-37, 39-40, 42, 45-54, 62-63, 68, 70, 74, 79-80, 82, 86, 90-91, 96, 99-100, 102, 104 e 106
Narrativas sobre temas pedagógicos	4-5, 10, 26, 54, 59, 64, 69, 86, 88, 101 e 105
Narrativas informativas sobre zoologia	8, 20-21, 25-29, 33, 38, 55-56, 60, 70, 75, 83-84, 88, 92, 94, 96, 98, 102 e 106
Narrativas informativas sobre botânica	9, 44-45, 47-48, 76, 80, 83-86, 90, 94, 97, 100-101 e 104-106
Narrativas informativas sobre astronomia	1, 5-6, 39, 43-44, 60-61 e 86-87

Lendas são apresentadas com certa frequência, em 47 edições, dezessete das quais sobre temas indígenas (n. 8, 12, 17-19, 22-24, 26, 51, 53, 59, 83, 100-101 e 105). Em três edições destas (n. 51, 53 e 59), a lenda apresentada foi transcrita do conhecido livro de Teobaldo Miranda Santos, *Lendas e mitos do Brasil*, Companhia Editora Nacional. Há uma série intitulada *Lendas que os povos me contaram*, adaptada por Nelly Cunha, que surgiu na edição de nº 85 (fevereiro de 1959) e perdurou até a edição de n. 99 (dezembro de 1959), com 14 edições. Dirceu Antônio Chiesa é o autor dos textos de outras dez lendas apresentadas. Histórias sobre a origem de utilidades do cotidiano também se constituem tema de alguns artigos, em treze números da *Cacique*.

Histórias em quadrinhos – que também marcaram presença em revistas infantis do período, como *O Tico-Tico* e *Sesinho*, estão presentes, normalmente mais de uma por edição, em geral nas 3ª e 4ª capas, mas também em historietas no miolo da revista. Nas capas, pequenas HQs iniciam sem texto, sem protagonista fixo e sem autoria declarada. Mas, a partir do n. 8 (novembro de 1954), surgiram nas 4ªs capas HQs de Zeko (José Corrêa) com dois protagonistas: *Ric e Rac* (um pato e um sapo), que aparecem em 32 edições. A partir do n. 33 (dezembro de 1956) aparecem, na 3ª ou 4ª capa de 28 números, HQs com personagens de Luiz C. Ribeiro (a ovelha *Marise*, o coelho *Danilo*, o galo *Zé Carijó*, o gato *Julinho* e o urso *Aldo*) e, a partir do n. 41 (abril de 1957), surgem as HQs de Renato Canini com os personagens meninos *Cacique* (indígena), *Manduca* (branco e loiro) e *Tibica* (negro) em 43 edições. Canini, muito jovem e em seu primeiro

emprego, logo se destacou com seus personagens ilustrados com poucos traços, tendo criado o menino *Cacique*, símbolo da revista (CAMPUOCO, 1981, p.10). Nos n. 45 e 49, há HQs de Quincas, com personagens de dois meninos indígenas: *Niquim* e *Nambá*, e, nos n. 58 e 60 da revista, aparecem HQs de autoria de Flávio Luiz Teixeira: o garoto *Lilico* e a menina *Délinha*. Das inúmeras HQ publicadas internamente na *Cacique*, destacam-se algumas seriadas, como *Corta-corta e Ligeirinho* (dois besourinhos), que aparece em 13 edições, com texto de Iris Strohschoen e desenhos de Renato Canini (n. 43-48, 51, 53, 56, 58, 62, 65 e 87); *Nica, Meco e Pinoca* (dois coelhos e um gato), criadas por Zeko, que estão em 10 edições (n. 8-12, 14, 17-20), “*Seu*” *Nicácio*, HQ de Vanetti Dani presente em doze edições (n. 22-33) e *Espolêta*, com texto de Dirceu Antonio Chiesa e ilustrações de Renato Canini, que está presente em cinco edições (nos 50, 52, 55, 57 e 59). Posteriormente (1967), Canini mudou-se para São Paulo, onde ilustrou, na Editora Abril, a revista *Recreio* e histórias de Zé Carioca (até 1977).

Poemas aparecem em 43 edições (Quadro 1), um ou dois deles por edição (mas até quatro em um número de revista), de autores anônimos ou pouco conhecidos, com exceção de um poema de Castro Alves (n. 23), um de Olavo Bilac (n. 24) e um de Casimiro de Abreu (n. 31), poetas de expressão nacional. Ruth Ivoty Torres da Silva é a única autora a ter mais de um poema publicado (n. 31, 33, 44 e 45). Alguns poemas foram retirados da obra *O mundo da criança*, Editora Delta, conforme indicam as edições 77, 82, 83, 85 e 106. Muitos são apresentados como uma série, como *Aventuras de Piriri*, versos ilustrados adaptados do livro traduzido do alemão *Globi no exílio*, de J. K. Schiela e Alfred Bruggmann, Editora Melhoramentos, tendo como personagem um papagaio (nas cinco primeiras edições), ou *Histórias da tia Carola* (do n. 24 ao 36).

Partituras musicais de canções com texto aparecem em 32 edições, a partir de dezembro de 1956, 24 das quais de autoria de Iracema Damasceno Ferreira (n. 43, 49, 51, 52, 53, 55, 57, 61, 62, 63, 64, 67, 70, 74, 75, 80, 83, 84, 87, 91, 94, 96, 99 e 102). Na edição de n. 66 da revista há a partitura e a letra de *A velha a fiar*, música de abertura do *Teatrinho Cacique*, um programa radiofônico infantil irradiado no final das tardes pela Rádio Guaíba, que tinha íntima articulação com a revista. Nesse tema, há também uma seção intitulada *A história maravilhosa da música*, com adaptação de Nelly Cunha, que aparece em 13 edições. Como destaca Facin (2008, p. 79), “Nelly Cunha escreveu muitas histórias para a revista infantil *Cacique*.”

O enredo da maioria dos seus contos [...] estava relacionado à música, com os sons, ritmos, melodias, vultos da música ou estilos, influência decorrente de seu apreço musical e sua formação como pianista”.

Textos informativos relacionados à história, geografia e cultura brasileiras, e especialmente sul-rio-grandense, às vezes claramente ficcionalizados, aparecem em seções como *Nosso Brasil*, redigida por Teresinha Siqueira e, a partir do n. 27, por Olga Creidy. Em geral, a seção ocupava as páginas centrais da revista (p. 16-17), sendo dedicada às 23 unidades federativas do País de então (de setembro de 1955 a setembro de 1957). Outras seções similares são *Monumentos da capital gaúcha* (por José N. Perez), que se encontra em onze edições, e *As ruas de Porto Alegre contam uma história*, que aparece em 56 edições (a partir de maio de 1956), apresentadas por Hayrton Leite e, depois do n. 61, pelo professor, jornalista e poeta Dante Pianta. Temas gauchescos permeiam cerca de meia centena de narrativas ficcionais, como *Piá da estância*, de Dirceu Antônio Chiesa, que se desenrola em vinte edições (n. 2 a 23), *No stio do vovô*, presente em quatro edições (n. 56-59) e *Vento Pampeiro*, traduzido e adaptado de *Veinte cuentos infantiles*, Editorial Guillermo Kraft Ltda de Buenos Aires, em três edições (n. 31-33). Há 26 histórias ficcionais com personagens indígenas, em geral infantis, salientando-se a série *Japir, o índio tupi*, em nove edições (n. 46-54), de autoria de Francisco Mário, com forte influência das HQs nas ilustrações.

Textos informativos sobre outros países e povos também encontram abrigo nas páginas da revista *Cacique*. Assim, há a seção *Povos e costumes*, que é apresentada em duas páginas (à esquerda, um texto, e à direita, uma ilustração), aparecendo nas 17 primeiras edições (de abril de 1954 a agosto de 1955). A seção *Concurso Grandes Vultos da Humanidade* está presente em 27 edições, sendo apenas uma dedicada a uma mulher, Marie Curie (n. 4, de junho de 1954). As personalidades destacadas são inventores (Johanes Gutenberg, Alexander Graham Bell, Thomas Edison, Wilhelm Conrad Röntgen, Santos Dumont, Guglielmo Marconi, James Watt, Benjamin Franklin (em duas diferentes edições), Alfred Nobel, Robert Fulton, George Stephenson e Alessandro Volta), cientistas (Louis Pasteur, Vital Brasil, Osvaldo Cruz, Heinrich Hermann Robert Koch, Alexander Fleming, Jonas Salk, Edward Jenner, Johannes Kepler, Antoine Laurent de Lavoisier, Isaac Newton e Marie Curie), políticos e estadistas (Simón Bolívar e Visconde de Mauá) e descobridores (Fernão de Magalhães), entre os quais há quatro brasileiros. Periodicamente (em quatro edições: n. 13, 25, 42 e 66) aparecia

a *Pequena Enciclopédia do Concurso Grandes Vultos da Humanidade*, resumindo dados das personalidades antes focadas. Há biografias “romanceadas” de 46 personalidades, das quais apenas quatro são mulheres: Princesa Isabel (n. 14), Maria Quitéria (n. 22), Nicolina Vaz da Silva (n. 51) e Rosicler Nelly Cunha (n. 102). Escritores, poetas, compositores, pintores, inventores, médicos, religiosos, militares e políticos brasileiros compõem o foco da maioria (43) dessas biografias, de modo geral com redação anônima.

Temas relacionados às Ciências permeiam quase todas as edições da revista. Textos sobre animais são desenvolvidos em 20 artigos isolados com informações sobre animais e em seções, como: *Valentim descobre o reino dos animais*, por Dirceu Antônio Chiesa, que se encontra em 30 edições; *A pescaria do tio Bartolomeu*, do mesmo autor, que está em quatro edições (n. 25-28), e *Assim se exprimem os animais*, também apresentado em quatro edições (n. 25, 27-29). Vegetais compõem o tema de 20 artigos, entre os quais um sobre proteção ambiental – *Por quê devemos proteger as árvores?* (n. 37 de fevereiro de 1957) – numa abordagem que antevia os problemas ambientais da atualidade. Oito edições focam as características de alguma espécie arbórea da flora brasileira (n. 76, 80, 83-84, 86, 90, 94 e 100). Também há uma história, *A árvore que perdeu a memória*, de autoria de Maria Granata, publicada originalmente na coletânea *Veinte cuentos infantiles* pela Editorial Guillermo Kraft de Buenos Aires, que foi traduzida e adaptada por Carolina Carvalho (n. 47-48). Aliás, muitas dessas narrativas informativas sobre a fauna e flora são traduções e adaptações sem indicação do tradutor/adaptador. A astronomia é tema de dez historietas nas quais há dados sobre os planetas e o Universo. A seção *Arte e Ciência através dos séculos*, em geral com textos escritos por Olga Creidy, destaca construções famosas, como igrejas, monumentos, museus, pinturas, palácios, pontes, túmulos, *etc.*, e aparece em 25 edições.

Mas *Tu sabias que...* foi a seção que permeou quase todas as edições da revista (com exceção de quatro números (5, 10, 30 e 33)). A seção trazia curtas informações, de cinco a dez, (sempre em uma só frase) principalmente sobre ciências (zoologia, botânica, geologia e biologia, totalizando 178 achegas), História (incluindo mitologia e arqueologia, com 75 tópicos), Engenharia/arquitetura (incluindo transportes, monumentos e móveis, com 57 aportes), Língua/literatura (incluindo filologia, escrita e imprensa, com 51 tópicos) e Geografia (incluindo meteorologia, com 44 itens), além de outras áreas do conhecimento, como medicina, astronomia, música, religião, filatelia, ourivesaria, física, química, indígenas e negros.

Ao todo, 531 diferentes e pequenas informações aparecem nessa seção, que sempre se iniciava com uma vinheta colorida de um(a): burro vestido como acadêmico (n. 4-12); menino com um livro na mão (n. 13-17); coruja com uma lamparina (n. 18-42) ou sobre um livro aberto (intermitentemente do n. 43 ao 106). A partir do n. 50, a vinheta varia figurando ou um livro antropomorfizado (n. 50, 54 e 55), ou dois meninos numa biblioteca (n. 58, 61 e 64), um bebê sentado sobre livros (n. 66, 69, 72, 74, 76, 78, 80, 82, 84, 86, 90, 93, 96, 97, 99, 100 e 102) ou *Tibica* (um menino negro protagonista das HQs de Renato Canini) entre papéis (n. 103 e 104).

Também diversos passatempos (Quadro 1), como charadas, adivinhações, curiosidades, palavras cruzadas, permeiam quase todas as edições, assim como piadas, anedotas, provérbios e frases chistosas, em geral preenchendo pequenos espaços das páginas ou em toda a 3ª capa (como é o caso das séries *Pim diverte-se* e *Intervalo*, com ilustrações jocosas de Zeko). Cartas enigmáticas aparecem em cinco edições (1, 13, 21, 42 e 82) e são destacadas por Hohlfeldt (2000, p. 379), como “uma de suas grandes atrações”, talvez numa apreciação de cunho pessoal. A seção *Coisas que tu podes fazer* aparece em 50 edições (~47%) e *Vamos colorir?* (ou *Para colorir* ou *Vamos pintar?*) aparece em 43 (~41%) edições. Uma coleção de flâmulas de times de futebol dos Estados do Rio de Janeiro, de São Paulo e do Rio Grande do Sul, a *Coleção Esportiva Cacique* (incluindo a série *Esporte Amador*), aparece intermitentemente em 42 edições, de janeiro de 1956 a março de 1959 (n. 22-87). No n. 89, há uma “chamada”: “*Aguardem! Em abril o lançamento do maravilhoso ÁLBUM das BORBOLETAS*”. E, do n. 90 (abril de 1959) ao n. 104 (novembro 1959), aparecem, na penúltima página da revista, figuras numeradas de borboletas cujos desenhos são assinados por Helga Trein, sem nenhuma moldura ou qualquer outra informação. A partir do n. 99 (setembro de 1959), abaixo das figuras de borboletas, lê-se: “*Recorta as borboletas e cola-as no álbum que se encontra à venda nas bancas de revistas e na Redação de ‘CACIQUE’.*” No total, são 34 figuras de borboletas em 13 edições da revista, pois a edição n. 106 repete as figuras da edição n. 92.

Naturalmente, há alguns outros textos avulsos encontrados nas 106 edições da revista (em sua primeira fase), com histórias de aventuras, textos de fundo religioso (cristão) ou edificante e outras contribuições sobre os assuntos mais diversos, como a seção *Os doze signos do zodíaco* (por Ruth Ivoty Torres da Silva), os quais aparecem coerentemente em 12 edições. A partir de agosto de 1958, aparecem peças de publicidade nas 3ª e 4ª capas:

a 3ª capa traz *Ouvindo o vovô Banmércio*, do Banco Nacional do Comércio S.A. (a partir do n. 73, em 17 edições) e a 4ª capa traz um anúncio das *Lojas Sarú* de São Paulo (a partir do n. 101).

### Apontamentos finais

A partir deste percurso sobre a materialidade da revista infantil *Cacique* (1ª fase – 1954-1959), em que nos detivemos em duas dimensões – a equipe editorial e a presença e distribuição das seções e matérias da revista, é possível esboçar algumas rápidas conclusões.

Em relação à equipe editorial, observa-se uma relativa permanência do mesmo quadro de redatores, colaboradores e desenhistas, contando com a presença de mulheres em sua direção e – também – contando com a adesão de intelectuais sul-rio-grandenses, cuja atuação ia além do âmbito da redação da revista. Esta relativa estabilidade do quadro, certamente com suas concepções de infância, de educação e seus ideais de revista infantil, parece se refletir na manutenção de várias de suas seções e escolhas editoriais. Observa-se uma arquitetura editorial que abriga traduções e adaptações de contos (alguns clássicos) e matérias de diferentes línguas, transcrições de textos de livros já publicados em Português, além de textos possivelmente escritos para a própria revista. A existência de uma multiplicidade de seções e matérias – ficcionais, poéticas, informativas, recreativas – marca a filiação da revista a uma tradição de outras revistas infantis brasileiras e, mesmo, latino-americanas, como a argentina *Biliken*. Quando Brites (2004, p. 17) afirma que, em *Sesinho*, “foram divulgados textos de ficção, fábulas adaptadas e atualizadas, jogos e passatempos, narrativas quadrinizadas, orientação para trabalhos manuais [...] lendas, contos infantis, textos teatrais e partituras [...] além de aulas de Geografia, Ciências, Português, História e outras disciplinas escolares”, parece que poderíamos perfilhar tal descrição para a revista gaúcha. Entretanto, para além dos pontos em comum, logo se verifica a menção, na *Sesinho*, a “reportagens sobre assistência a famílias operárias e outras atividades do SESI em todo o Brasil” (absolutamente ausentes em *Cacique*), enquanto, por outro lado, a existência, na *Cacique*, de seções e matérias específicas de caráter regional, focalizando o “gaúcho”, cuja revitalização de “tradições” havia se dado na segunda metade da década anterior, através da criação do 1º Centro de Tradições Gaúchas e outras iniciativas, constitui outro traço diferencial.

Sem que esgotemos todas as possibilidades de análise e nos limites deste texto, enfatize-se, ainda, a pluralidade de interesses e temas que são

mobilizados nas seções da revista (Ciências, História, Artes, Geografia, etc.). Hohlfeldt (2000, p. 379), em artigo sobre as revistas brasileiras que, no transcorrer do século XX, se voltaram para o público infantil, refere-se a publicações que “realizaram uma espécie de simbiose entre a antiga publicação escolar e a nova edição dirigida ao passatempo e ao divertimento”, situando entre estas tanto a revista *Sesinho*, já citada, como a própria revista *Cacique*. Reduzir a revista a um caráter educativo estrito certamente é empobrecer nosso olhar sobre ela, como bem demonstra a análise de suas seções. Como Silveira e Hessel (2018, s/p.) observam, a revista *Cacique* “estava [...] articulada a ideais educativos para a infância brasileira, mas também se abria a recreação, ao entretenimento, à transmissão cultural, como se vê em várias seções e textos do periódico (folhetins infantis, adaptações de contos clássicos, etc.)”.

## Referências

---

- ALMEIDA, Cíntia Borges de; COSTA, Aline Santos. Para a petizada inocente: encanto, diversão e lições de conduta na revista *O Tico-Tico* (1905-1910). *Teias*, Rio de Janeiro, v.16, n. 41, p. 54-71, 2015.
- ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1988.
- BASTOS, Maria Helena Câmara. Divertir, educar e formar: *Cacique*, a revista da garotada gaúcha (1954-1963). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 4, 2006, Goiânia: PUCGoiás. *Anais [...]*, Goiânia: 2006. p. 1-11.
- BASTOS, Maria Helena Câmara. A imprensa de educação e ensino: observatório da formação docente e discente (Brasil, 1950-1980). *Archivos de Ciencias de la Educación [online]*, v. 10, p.1-14, 2016.
- BICCAS, Maurilane de Souza. *O impresso como estratégia de formação: revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1940)*. Belo Horizonte: Argumentum, 2008.
- BRITES, Olga. *Infância, trabalho e educação: a revista Sesinho (1947-1960)*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.
- CAMPUOCO, Antônio. Era uma vez... uma revista chamada Cacique. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 10, 21 jun. 1981.
- CATANI, Denice Bárbara. *Educadores à meia-luz*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2002.
- CARDOSO, Athos Eichler. *Memórias d'O Tico-Tico, Juquinhya, Giby e Miss Schocking. Quadrinhos Brasileiros 1884-1950*. Brasília: Senado Federal, 2009.
- COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina (org.). *História da imprensa no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p.103-130.
- DE LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.
- DEMÉTRIO, Silvio Ricardo & ROYER, Marlene Ferreira. A construção da visualidade da revista *Sesinho*: codificação e decodificação em seis décadas de história. *Novos Olhares*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 94-103., 2013.
- FACIN, Helenara Plaszewski. *Histórias e memórias da professora e autora de livros didáticos Nelly Cunha (1920-1999)*. 2008. 153p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2008.
- FERNANDES, Ana Lucia Cunha. O impresso e a circulação de saberes pedagógicos: apontamentos sobre a imprensa pedagógica na história da educação. In: MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello; XAVIER, Libânia Nacif (org.). *Impressos e história da educação: usos e destinos*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. p.15-29.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T.A. Queiroz; EDUSP, 1985
- HANSEN, Patrícia. A arte de formar brasileiros: um programa de educação cívica nas páginas da revista *O Tico-Tico*. In: MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello; XAVIER, Libânia Nacif (org.). *Impressos e História da Educação: usos e destinos*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. p. 45-58.

- HOHLFELDT, Antônio. Na história das publicações brasileiras, a criança também teve vez... In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (org.) *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: UNESP, p.363-380. 2000
- KNAUSS, Paulo, MALTA, Marize, OLIVEIRA, Cláudia de & VELLOSO, Mônica. *Revistas ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.
- LUZ, Luciane Bichet & RIOS, Diogo Franco. Noções de Matemática Elementar na revista infantil *Cacique* (1954-1963). In: SEMINÁRIO TEMÁTICO SABERES ELEMENTARES MATEMÁTICOS DO ENSINO PRIMÁRIO, 12, 2015, Curitiba: PUC-PR. *Anais [...]*, Curitiba, 2015. p. 12.
- MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello & XAVIER, Libânia Nacif (org.). *Impressos e história da educação: usos e destinos*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. p. 15-29.
- MARCHI, Diana Maria. *A literatura infantil gaúcha: uma história possível*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República (1890-1922)*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina (org.). *História da imprensa no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 45- 80.
- MAZINI, André. A história da imprensa no contexto da historiografia brasileira. *Comunicação & Mercado*, Dourados, v. 1, n. 2, p. 279-303, 2012.
- MOTTIN, Antonio; CASOLINO, Enzo. *Italianos no Brasil: contribuições na literatura e nas ciências, séculos XIX e XX*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- NÓVOA, Antonio. Repertório da imprensa de Educação e ensino. In: NÓVOA, Antonio (org.) *A Educação Portuguesa: corpus documental (séculos XIX-XX)*. Porto: Edições ASA, CD-ROM, 1993.
- PATROCLO, Luciana Borges. Os impressos para crianças como fonte de pesquisa em História da Educação: uma análise da coluna *Lições do Vovô* da revista *O Tico-Tico*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7, 2013, Cuiabá: SBHE & UFMT. *Anais [...]*, Cuiabá, 2013. p. 1-15.
- ROSA, Zita de Paula. *O Tico-Tico: meio século de ação recreativa e pedagógica*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2002.
- SILVA, Márcia Cabral da. A coleção Menina e Moça: entre o bom comportamento moral e a formação do gosto literário. *Currículo sem Fronteiras*, v.1, p. 99-105. 2010.
- SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; BONIN, Lara Tatiana; KIRCHOF, Edgar Roberto. Heróis e modelos para a infância gaúcha: um estudo da revista infantil *Cacique*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE HISTÓRIA DO ENSINO DA LEITURA E ESCRITA, 1, 2010, Marília, *Resumos. Anais [...]*, Marília, 2010. p.1-5.
- SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; HESSEL, Maria Helena. Histórias para crianças brasileiras: a revista *Cacique* e suas 'Histórias da Capa'. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, 56, 2018, Salamanca, Universidad de Salamanca, *Resúmenes. Anais [...]*, Salamanca, 2018. p. 1-2.
- TORRESINI, Elizabeth Wendhausen Rochadel. Breve história da circulação de livros, das livrarias e editoras no Rio Grande do Sul (séculos XIX e XX). In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (org.) *Impresso no Brasil: dois séculos de*

livros brasileiros. São Paulo: UNESP, 2000. p. 235-252.

VERGUEIRO, Waldomiro & SANTOS, Roberto Elísio dos (org.). *O Tico-Tico: centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil*. São Paulo: Opera Graphica, 2005.

VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos. A postura educativa de *O Tico-Tico*: uma análise da primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos. *Comunicação & Educação*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 23-34, 2008.

VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Dicionário bibliográfico gaúcho*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, Editora e Distribuidora Gaúcha, 1991.

